

AÇÕES DE INVENTÁRIO DA ARTE SACRA FLUMINENSE: 2001-2008, ACHADOS E PERDIDOS

Introdução

Até o início do século XXI, foram poucas as ações de inventário do acervo de imaginária religiosa no Estado do Rio de Janeiro. Algumas iniciativas pioneiras, no entanto, merecem ser registradas.

O Inventário do Acervo Religioso de Paraty, iniciado em 1972 pelo arquiteto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Edgar Jacintho da Silva, foi realizado pela museóloga Maria Emília Mattos, por Alfredo Russins, também museólogo e pelo arquiteto Júlio Cesar Neto Dantas e se estendeu até 1985. Nele foi registrado o acervo de todas as igrejas e capelas da cidade. Logo após o início do inventário, como consequência, em 1973, o Museu de Arte Sacra de Paraty foi instalado na Igreja de Santa Rita.

O Inventário do Acervo Religioso de Angra dos Reis, iniciado pelo então subsecretário de cultura, esporte e turismo de Angra dos Reis, arquiteto Marcos Cesar Venancio Cardoso e coordenado pelo historiador Marco Antonio M. Costa, pela museóloga Maria Emilia Mattos e pelo arquiteto e museólogo Julio Cesar Neto Dantas, que iniciado em 1989, durou até 1994. Foram inventariadas as seguintes igrejas: Matriz de Nossa Senhora da Conceição; Santa Luzia; Ordem 3º de São Francisco da Penitência; Nossa Senhora da Lapa e da Boa Morte; Santíssima Trindade, em Jacuacanga; Nossa Senhora do Rosário, em Mambucaba; Igreja de Nossa Senhora do Carmo; São José, em Bracuí; Santana, na Ilha Grande; Sagrado Coração de Jesus, em Monsuaba; Convento de Nossa Senhora do Carmo; Convento de São Bernardino de Sena; Capela da Fazenda do Ariró; Santa Casa de Misericórdia e Irmandade de São Benedito. Durante o inventário em 1992, foi instalado na Igreja de Nossa Senhora da Lapa e Boa Morte, o Museu de Arte Sacra de Angra dos Reis.

Essas ações salvaram um dos mais significativos acervos de arte sacra existentes no Brasil, pois, antes da realização dos inventários e da criação dos referidos museus, era comum encontrar disponíveis no mercado de antiguidades, verdadeiras relíquias, procedentes dessa região do estado.

Coordenado por Adalgisa Eça, com a participação de Maria Emilia Mattos e Maria Augusta M. Coelho, todas museólogas do Instituto

Marcus Antônio Monteiro Nogueira

Historiador, Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Diretor Geral do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac/RJ), de 2003 a 2009, Presidente do Conselho Estadual de Tombamento (CET/RJ), de 2005 a 2009.
marcusmonteiro@yahoo.com.br

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi realizado em 1997 e 1998, o inventário do acervo de algumas igrejas da cidade do Rio de Janeiro. Foram elas: Santa Luzia, São José, Santa Cruz dos Militares, Santa Rita, Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Ordem Terceira do Carmo, Nossa Senhora do Carmo, antiga Sé, São Francisco da Penitência, São Francisco da Prainha e Museu de Arte Sacra da Catedral Metropolitana.

Em 2002, se inicia na cidade do Rio de Janeiro as ações do Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados - INBMI, realizado pelo Iphan, com previsão de patrocínio integral da Fundação Vitae. Até dezembro de 2004, foi coordenado pela museóloga Isabel Serzedello. O inventário aconteceu até julho de 2005, mas foi paralisado em decorrência da decisão da Fundação Vitae de não mais patrocinar projetos no Brasil.

No 1º módulo do INBMI, com duração de 10 meses, se inventariou os acervos das igrejas de São Francisco de Paula, Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora Mãe dos Homens e de Santa Rita. No 2º módulo, com duração de 15 meses, foram inventariados os acervos das igrejas da Lapa dos Mercadores, Nossa Senhora do Desterro e a coleção carmelitana, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte, Santíssimo Sacramento, Museu de Arte Sacra da Catedral Metropolitana e Mosteiro de São Bento.

Foram também inventariados os seguintes acervos: Igreja de São Francisco da Penitência, Convento de Santo Antônio, Igreja da Ordem Terceira do Carmo e Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, que ficou por concluir.

Lamentavelmente, após a saída da Fundação Vitae do Brasil, as ações de inventário no Estado do Rio de Janeiro foram abandonadas pelo Iphan. Caso contrário, poderiam, somadas às iniciativas do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e de alguns órgãos municipais, se revestirem do manto da exemplaridade para outros estados brasileiros.

Em 2001, ao assumir como superintendente na Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, resolvi inventariar o acervo que restara nas igrejas da Baixada Fluminense. Um dos objetivos era mostrar, através da exposição "Devoção e Esquecimento, Presença



Figura 1: Sagrada Família, séc. XVIII. Madeira policromada e dourada; altura: 90 cm, 50 cm e 88 cm. Imagens furtadas. Fotografia: Pedro Oswaldo Cruz.

do Barroco na Baixada Fluminense”, que promovemos naquele ano na Casa França-Brasil, aspectos históricos e artísticos pouco conhecidos de uma região bastante estigmatizada como violenta e miserável. A exposição, que no ano seguinte aconteceu também no Sesc de Nova Iguaçu, firmou-se como instrumento de transformação do olhar que os próprios moradores da Baixada Fluminense tinham sobre sua história, contribuindo de forma bastante eficaz para elevar a autoestima da região, revelando verdadeiros tesouros da arte sacra brasileira.

Ao assumir o cargo de diretor-geral do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), em janeiro de 2003, apresentei à equipe o programa que pretendia executar e, dentre os projetos, estava o de inventariar todo o acervo de arte sacra existente nas igrejas do estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecê-lo e, a partir daí, desenvolver ações de proteção e preservação. A



Figura.2: São Bento, séc. XVII (1651). Obra de Frei Agostinho de Jesus. Barro cozido, policromado; altura: 51 cm. Imagem desaparecida. Fotografia: copiada do livro "Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus", publicado pela Universidade Federal da Bahia, em 1971.

ideia era resgatar os textos de frei Agostinho de Santa Maria contidos na obra "Santuário Mariano, e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, Tomo X", publicado em 1723, e o de monsenhor Pizarro, contido no "Livro de Visitas Pastorais", realizadas em 1794 e 1795, comparar os acervos citados com os ainda existentes e disponibilizá-los para os estudiosos. No caso das Visitas Pastorais, eu já havia publicado parte desses relatos, até então inéditos, no ano de 2000, quando secretário de Cultura da Cidade de Nilópolis, com o título de "Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro na Baixada Fluminense".

Em 2007, publicamos a reedição do "Santuário Mariano", produzida e editada pelo Inepac, e ilustrada com as imagens de Nossa Senhora dos séculos XVI, XVII e início do XVIII citadas na obra e mais algumas do mesmo período encontradas no Rio de Janeiro.

Em 2008, o Inepac publicou "O Rio de Janeiro nas Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro – Inventário da Arte Sacra Fluminense", contendo a íntegra dos textos das visitas pastorais, após primoroso trabalho de transcrição realizado pelos técnicos do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, e profusamente ilustrado com o acervo de arte sacra existente nas 34 freguesias elencadas no texto, inventariado pelo Inepac, com a coordenação da Prof^a Nancy Rabelo, com a valiosa colaboração de Roger Brunorio, OFM, do Convento de Santo Antônio, e de Rafael Azevedo, museólogos, o último gentilmente cedido pelo Departamento de Museus do IPHAN. Também trabalharam no inventário a arquiteta do Inepac Maria Cristina Pimentel e D. Mauro Fragoso, do Mosteiro de São Bento.

Achados e perdidos

Nesse período, infelizmente, foram registrados alguns casos de furtos e desaparecimento de peças importantes da imaginária religiosa fluminense. Destaca-se o furto do valioso conjunto da Sagrada Família da capela de Nossa Senhora da Madre de Deus, da antiga Fazenda da Posse em Nova Iguaçu, ocorrido em 2003 (FIG.1). Também foram furtadas as belíssimas imagens de São José, São Thiago, São Sebastião e São Domingos, que estavam sob a guarda do Museu de Inconfidência, em Paraíba do Sul e que no passado pertenceram à Igreja de Santana de Sebolas.

Nos dois casos, impressionou-nos bastante a gritante falta de segurança dos locais onde estas preciosas imagens estavam e a inoperância das autoridades locais, responsáveis por estes acervos.



Figura.3A: São Bento, c. 1738. Madeira policromada; altura 85,5 cm. (Fazenda Beneditina do Iguassú). Acervo Diocese de Duque de Caxias. Fotografia: Pedro Oswaldo Cruz. Obra do escultor José da Conceição. Fotografia: Paulo Cezar Rega.

Outro fato estarrecedor foi o desaparecimento da valiosíssima imagem de São Bento, de autoria de Frei Agostinho de Jesus, pertencente ao acervo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Imagem de terracota, datada de 1651, que pertenceu primitivamente à Fazenda Beneditina do Iguassú, foi exposta na célebre exposição "Arte Sacra – Retrospectiva Brasileira", em 1955, no XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, cujo catálogo a reproduz. Segundo D. Mauro Fragoso, atual responsável pelo acervo do Mosteiro, um dos monges por descuido a teria derrubado, e ao constatar que se quebrara, jogou-a no lixo (FIG.2).

Dentre os "achados" durante o inventário da imaginária da Baixada Fluminense, realizado em 2001, destacamos a imagem de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII, de barro cozido, de autoria de Sebastião Toscano e a imagem de vestir, de Nossa Senhora da Conceição, datada de 1571, assinada por Palacolli e com a insígnia da Companhia de Jesus, ambas pertencentes à Igreja de Nossa Senhora da Piedade.

A imagem de São Bento, pertencente à capela de Nossa Senhora do Rosário da Fazenda Beneditina do Iguassú, e que junto com outra do mesmo santo, que pertenceu à capela de Nossa Senhora de Nazareth da Fazenda Beneditina da Ilha do Governador, hoje no acervo do Museu de Arte Sacra da Cúria, fazem parte do conjunto de cinco imagens do patriarca da ordem que, segundo D. Clemente Maria da Silva Nigra, foram encomendadas no triênio 1737-1739, ao escultor José da Conceição, para guarnecer as capelas das fazendas pertencentes ao Mosteiro. Na Igreja de Santo Amaro, em Campos dos Goytacazes, além da imagem do Padroeiro, obra do escultor seiscentista Domingos da Conceição, encontramos outra, também venerada como Santo Amaro, que acredito ser também de São Bento, obra de José da Conceição, e fazer parte da referida encomenda (FIG.3A e 3B).

A imagem de Nossa Senhora do Rosário, ca. 1761, atribuída ao escultor Simão da Cunha e também oriunda da Capela de Nossa Senhora do Rosário na qual ocupava o nicho principal do altar-mor da antiga Fazenda Beneditina do Iguassú. Esta imagem pertence atualmente a Diocese de Duque de Caxias (FIG.4).

Durante as pesquisas de campo para o inventário das imagens marianas, com vistas à publicação do Santuário, encontramos em Saquarema, na região dos Lagos, uma Nossa Senhora com menino, de barro cozido, bastante mutilada e com muitos remendos feitos



Figura.3B: São Bento, c. 1738. Madeira Policromada; altura: 70 cm. (Fazenda Beneditina da Ilha do Governador). Acervo Museu da Arte Sacra da Cúria Metropolitana – RJ. Ambas, obra do escultor José da Conceição. Fotografia: Paulo Cezar Rega.



Figura. 4: Nossa Senhora do Rosário, c. 1761. Madeira policromada (repintura); altura: 104,5 cm. Atribuída ao escultor Simão da Cunha. Acervo Diocese de Duque de Caxias. Fotografia: Pedro Oswaldo Cruz.

com durepoxi (que foram retirados), cuja fatura bastante nos impressionou. Datável do século XVII e com 70 cm de altura, apresenta uma inscrição em alto relevo, produzida por punção (FIG.5).

Na mesma região, em Cabo Frio, encontramos uma imagem que dela se aproxima estilisticamente. Trata-se da imagem de Nossa Senhora dos Anjos, em barro cozido, também do século XVII, que ficava no nicho da portaria do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, atual Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio.

A imagem de Santo Antônio, do final do século XVII, de barro cozido, foi adquirida de uma antiga família de fazendeiros da Baixada Fluminense. Estilisticamente se aproxima muito da primitiva imagem de Nossa Senhora da Piedade, em barro cozido e do mesmo período, que foi da Igreja Matriz da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguassú (FIG.6).

De Angra dos Reis, do acervo do Museu de Arte Sacra, destacamos a belíssima imagem de Nossa Senhora do Rosário de Mambucaba, de barro cozido, século XVII, e que contrariando o parecer de Lúcio Costa que dizia ser a peça de origem francesa, atribuo sua fatura ao escultor beneditino frei Agostinho de Jesus. Esta imagem é tombada individualmente pelo Iphan (FIG.7).

Do acervo da primitiva Igreja de São João Batista de Meriti, localizamos através de uma antiga fotografia de casamento da década de 1920, uma belíssima imagem de São Miguel, datável do final do século XVII ou princípios do XVIII e que durante anos decorou a sede da Fazenda Ponte Alta, no Vale do Paraíba fluminense. Com o falecimento da proprietária, seus herdeiros venderam a imagem, desconhecendo sua procedência e importância. Felizmente, hoje, temos seu registro fotográfico (FIG.8).

Em maio de 2008, ao folhear um catálogo de leilão de uma importante coleção carioca, deparei-me com um conjunto de 12 querubins do século XVIII. Descritos no catálogo como "12 cabeças de anjos alados, portugueses e brasileiros", percebi que poderiam originalmente ter pertencido a alguma das igrejas ou capelas inventariadas pelo Inepac e comecei a pesquisar. Para minha surpresa, constatei, após comparar com antigas fotografias pertencentes ao Arquivo Central do Iphan, tratarem-se de peças desaparecidas da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, situada em



Figura 5: Nossa Senhora com Menino, século XVII. Barro cozido; altura: 70 cm. À direita: punção com a inscrição "Tiadozio". Coleção Marcus Monteiro. Fotografia: Paulo Cezar Rega.

Duque de Caxias, tombada pelo IPHAN, e que nos últimos 40 anos teve a quase totalidade de seu acervo saqueado. Curiosamente, o referido leilão havia sido autorizado pelo próprio Iphan, depois de "minuciosa verificação sobre a procedência das peças" (FIG.9).

Depois de a origem das peças ter sido incontestavelmente comprovada, seus então "proprietários" a entregaram ao Inepac para serem devolvidas à Diocese de Duque de Caxias.

Em 2006, estive em Barra de São João, no município de Casimiro de Abreu, a convite de Maria Vitória Pardal com a finalidade de conhecer a casa que pertenceu a seu pai, o Prof. Paulo Pardal, já falecido. Apesar de engenheiro por formação, Paulo Pardal notabilizou-se por suas pesquisas históricas e por ser colecionador de arte. Foi o grande divulgador da arte de Chico Tabibuia e o maior especialista em carrancas do rio São Francisco.

A casa, uma bela construção de princípios do século XIX, é um verdadeiro museu, recheada de mobiliário de época e objetos de arte brasileira. Ao entrar em um dos cômodos, deparei-me com inúmeras peças de arte sacra, me chamando atenção, dois anjos tocheiros, enormes, com mais de dois metros de altura, que imediatamente identifiquei como peças baianas do século XIX. Segundo Maria Vitória, seu pai os adquirira na década de 1970,



Figura.6: Santo Antonio, séc. XVII. Barro cozido, policromado e dourado; altura: 67 cm. Coleção Marcus Monteiro. Fotografia: Danilo Sérgio. Nossa Senhora da Piedade, séc. XVII. Barro cozido, policromado e dourado; altura: 76,2 cm. (Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú). Acervo Diocese de Nova Iguaçu. Fotografia: Pedro Oswaldo Cruz.



Figura 7A : Anjos Tocheiros, c. 1820. Obra de Manuel Inácio da Costa, modificada por Domingos Pereira Baião. Madeira policromada e dourada; altura: 230 cm, aproximadamente. (Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Salvador, Bahia). Coleção Comendador Berardo. Fotografia: Maria Victória Pardal.

através de uma permuta, com um antiquário da Lapa, no Rio de Janeiro, de nome José Bresson, conhecido como "Zé dos Bichos" (FIG.10).

Como ela já dissera de sua intenção de vender parte da coleção, interessei-me de pronto pelos anjos, mas fui desestimulado pelo valor pedido, muito além de minhas possibilidades. Grande parte da coleção, inclusive os anjos, acabou vendida para o comendador José Berardo, colecionador português.

Os anjos, entretanto, não saíam de minhas reflexões, pois devido a sua monumentalidade, provavelmente teriam guarnecido uma das importantes igrejas da Bahia, Comecei então a pesquisar. Na obra "Artistas Baianos", de Manoel Raymundo Querino, publicada em 1909, fui encontrar nas indicações biográficas sobre o escultor Manoel Inácio da Costa, o seguinte:

São deste artista: o Anjo da Fama, no thetro S. João; quatro anjos maiores do natural, que no Hospício da Piedade sustentavam a cupola do altar-mor" e, ainda, em nota de rodapé, "Em 1868, o exímio escultor Baião diminuiu-lhes o tamanho, mudou-os de posição, de modo que, hoje, representam allegorias, segurando cornucopias.

Apesar das opiniões correntes sobre o cuidado que se deve ter sobre as atribuições de Manoel Querino, não devemos desprezar suas importantes informações baseadas na tradição oral e levar em conta que o autor vivenciou muitos dos fatos relatados em sua obra.

Convencido de poder tratar-se das mesmas peças, procurei aprofundar meus conhecimentos sobre a arte desses dois grandes escultores da Bahia, Manoel Inácio da Costa, nascido por volta de 1763 e falecido em 1857, e Domingos Pereira Baião, nascido em 1825 e falecido em 1871.

Na busca de informações sobre a Igreja do Hospício da Piedade, existente desde antes de 1660, fomos encontrar no livro "Religiosos Capuchinhos da Bahia e sua Igreja de Nossa Senhora da Piedade", publicado em 1909, o seguinte:

Porem, no começo do século XIX, entrando ella a arruinar-se, animado pela religiosidade da população

que crescia, o prefeito Fr. Ambrosio de Rocca, auctorizado a fazel-o por aviso régio de 18 de janeiro de 1809, derribou-a logo até os alicerces, e poz mãos a construir outra mais vasta e artística, auxiliado poderosamente na obra, como attesta Accioli, pelo muito considerado religioso Fr. Archanjo de Ancona.[...] Ao cabo de quinze annos estava acabado o novo templo, de solidas paredes da grossura de um metro, dividido em três naves, tendo a do centro 16 metros de altura 8 e 60 centímetros de largura e 44 de comprimento, e as lateraes 4 metros e 50 centímetros de largura cada uma; coroado por um bello zimbório, guarnecido exteriormente de espessas laminas de chumbo; com sacristia espaçosa, uma crypta para deposito de urnas funerárias, e elegante campanário de dois sinos [...] Em 1825 estava feita a reforma da igreja de N. Senhora da Piedade;

Acreditamos que os anjos, que sustentavam a cúpula do altar-mor foram esculpidos entre os anos de 1817 e 1823 e, levando-se em conta as obras de "melhoria" realizadas no período que vai de 1862 a 1871, conclui-se que se deva dar crédito à informação de Manoel Querino, de que foram modificados por Domingos Pereira Baião, em 1868. Do livro sobre a Igreja, já citado, extraímos os seguintes trechos:

Com a prefeitura do operoso Fr. Innocencio de Apiro, de 1862 a 1871, novos e importantes melhoramentos se executaram na igreja de Nossa Senhora da Piedade. Foi substituída por outra de superior qualidade a cobertura exterior da cupola; o altar-mór, que estava todo debaixo desta subiu, ficando no vértice da cruz que a igreja forma com a sua nave central aberta como em dois braços; [...] "levantou-se no fundo um throno de madeira com seis altas columnas a sustentarem um docel, tudo trabalhado com primor, á imitação do que se vê nas majestosas basílicas de Roma; assentou-se em frente um altar vindo de Genova, de vários e finíssimos mármores primorosamente embutidos num gracioso contraste de cores.[...] Os seus altares lateraes, que eram todos de madeira, foram igualmente substituídos por outros de marmore, vindos também de Genova, e, como o altar-mór, trabalho de grande valor artístico,...



Figura.7B: Anjos Tocheiros, c. 1820. Obra de Manuel Inácio da Costa, modificada por Domingos Pereira Baião. Madeira policromada e dourada; altura: 230 cm, aproximadamente. (Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Salvador, Bahia). Coleção Comendador Berardo. Fotografia: Maria Victória Pardal.

Na análise comparativa dos anjos tocheiros com outras peças atribuídas a Manoel Inácio da Costa, encontram-se evidências consideráveis de se tratar do mesmo autor. As cornucópias que os anjos portam, segundo Querino, são de autoria do entalhador Candido Alves de Souza, nascido em 1840, e falecido em 1884. Entretanto, uma pergunta ainda carecia de resposta. Se eram quatro, os anjos que sustentavam a cúpula da Igreja do Hospício da Piedade, e acreditava ter descoberto dois, onde estariam os outros dois?

A resposta surge, no folhear do livro "Fazendas, Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial", de Fernando Tasso Fragoso Pires. Estavam lá, na sala da entrada da sede da Fazenda São Fernando, em Vassouras, os outros dois anjos tocheiros que completavam o conjunto (FIG.11).

Já tendo há tempos visitado a fazenda, lembrava-me vagamente de tê-los visto. Entrando em contato com o proprietário, o também colecionador de arte brasileira Ronaldo Cesar Coelho, obtive autorização para inventariá-los. Segundo ele, os anjos foram adquiridos em outra fazenda, em Petrópolis, há alguns anos. A Igreja de Nossa Senhora da Piedade, na Bahia, não é tombada. Apresenta-se assim, um conjunto do maior interesse para o estudo da imaginária baiana, onde dois mestres escultores e um entalhador foram identificados e de cuja procedência parece não haver dúvidas.

Conclusão

Senhoras e senhores, os descaminhos do acervo artístico religioso brasileiro não serão solucionados com ações policiais e midiáticas, muito menos com a criminalização de colecionadores e antiquários. O mercado de arte, a partir de regras rígidas e claras, pode e deve sair da condição de vilão, e tornar-se um poderoso aliado no resgate de nossos bens culturais. É necessário que os órgãos de patrimônio, especialmente o IPHAN, somado aos institutos estaduais, invistam em qualificação de pessoal e transformem as ações de inventário em rotina. A produção de conhecimento e sua imprescindível difusão, atrairá estudiosos e, por certo, estimulará o surgimento de uma rede de proteção e preservação desse precioso acervo. Ainda há tempo, basta querer.

Referências

MONTEIRO NOGUEIRA, Marcus Antonio (Coord.). O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: Inventário da arte sacra fluminense. Rio de Janeiro: Inepac, 2008.

OSWALDO CRUZ, Pedro. TASSO FRAGOSO PIRES, Fernando. Fazendas: Solares da região cafeeira do Brasil imperial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PEREIRA, D. Basílio Manuel Olímpio. Religiosos Capuchinhos da Bahia e sua igreja de Nossa Senhora da Piedade. Bahia: Typ. São Francisco, 1909.

QUERINO, Manoel Raymundo. Artistas Bahianos: Indicações biográficas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora. Rio de Janeiro: Inepac, 2007. T. 10.

SILVA NIGRA, D. Clemente Maria da. Construtores e artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Salvador, Bahia: Tipografia Beneditina Ltda, 1950.

SILVA NIGRA, D. Clemente Maria da. (Coord.). Exposição de Arte Sacra: Retrospectiva Brasileira: XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpia Editora, 1955.